



O Papel da Tradução no Desenvolvimento e Estruturação da Arte Literária Armênia

Lusinê Yeghiazaryan

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a importância das traduções no processo de desenvolvimento e estruturação da literatura armênia. Atenção especial é dada à expansão lingüística e geográfica da atividade de tradução.

Palavras-chave: Arte literária e tradução, Século de ouro, centros culturais armênios, “Festa dos Tradutores”.

A origem e posterior desenvolvimento da arte da tradução na Armênia determinam o papel desta no processo evolutivo da cultura nacional, que prossegue ininterrupto há aproximadamente dois milênios.

A literatura armênia propriamente dita teve como ponto de partida os trabalhos de tradução, que têm revelado uma série de particularidades na realidade armênia. A localização da Armênia numa região geopolítica ativa e cobiçada, não poderia deixar de induzir a influência política das grandes potências da Antiguidade, principalmente do Império Romano e do Império Persa. Assim, por estar constantemente no epicentro dos interesses estratégicos e políticos dessas enormes potências, desde os primórdios do Cristianismo, a Armênia se esforçava para poder manter a sua independência política e cultural.

Como se sabe, até o final do século III e início do século IV, os armênios eram pagãos, tal como os povos circunvizinhos, o que propiciava um campo aberto às influências externas. Por isso, talvez tenha sido decisivo o fato de os armênios terem aderido ao Cristianismo no ano de 301, tornando-se assim o primeiro Estado cristão do mundo. Com a nova doutrina espiritual, fundamentada em princípios progressistas, e sob cujos alicerces se solidificaria e desenvolveria toda a cultura do Ocidente, o Cristianismo permitiu aos armênios traçarem uma linha defensiva



contra o zoroastrismo, bem como amenizar as influências greco-romanas e assírias na Armênia.

Desde o século I, a nova religião se difundira na Armênia essencialmente por meio da língua grega e, a partir da sua formalização, isto é, após a declaração do Cristianismo, a influência da língua assíria, que estava em expansão na região, também tornou-se amplamente difundida.

A Bíblia, considerada o principal livro do Cristianismo, além de outros de cunho religioso e laico, era escrita e lida em grego ou assírio. Os ritos e cerimônias da Igreja, bem como o ensino nas escolas, eram realizados nas referidas línguas, muitas vezes com a ajuda dos tradutores. Nas regiões ocidentais do país, a população local usava mais o grego, e as obras literárias eram lidas neste idioma, cuja influência alcançava grandes proporções.

Tal fato era um perigo iminente que ameaçava a perda da identidade nacional. Por outro lado, tornava-se imperativa a necessidade da criação da escrita e literatura próprias, que pudessem assegurar a rápida expansão do Cristianismo no país.

Em 387, ao ser empossado como Patriarca Supremo e Catholicós de Todos os Armênios, Sahak Partev teve como objetivo principal buscar uma solução definitiva, através do aparato que seria crucial na questão da preservação da independência espiritual e cultural da nação, ou seja, a palavra escrita com o autêntico alfabeto da língua.

Assim sendo, o Patriarca conseguiu reunir ao seu redor uma elite de intelectuais, estimulados pelos mesmos objetivos. Tal iniciativa também visava os interesses do Estado, uma vez que a dinastia reinante dos Archakunis encontrava-se enfraquecida, e na iminência da queda do reino armênio, a existência de um alfabeto próprio para produção escrita junto com a Igreja Armênia, seriam os únicos baluartes na preservação da identidade nacional.

A história registra várias tentativas anteriores para a criação de um autêntico alfabeto para a língua armênia. Entre essas destacam-se as letras criadas por um monge chamado Daniel, que tentou inventar vários caracteres para o idioma, porém não logrou êxito, uma vez que faltavam-lhe caracteres de alguns fonemas. Em 405, o “pai do alfabeto armênio” Mesrop Machtots criou os caracteres da língua armênia, os quais permanecem em uso na sua forma original até os dias de hoje.

A partir desse momento surgiu a literatura armênia, primeiro com traduções de cunho eclesiástico-cristão, às quais se seguiriam traduções de obras filosóficas, históricas e de vários gêneros da antiga civilização humana.



Após a invenção do alfabeto, Mesrop Machtots e seus discípulos se empenharam na tradução do Livro dos Livros, a Bíblia, que posteriormente foi reconhecida pelos lingüistas europeus como “a rainha das traduções”, superando, na opinião de muitos, todas as existentes e alcançando a perfeição da sua versão original. Esta tradução encanta tanto pela sua precisão e flexibilidade lingüística, como pela bela manifestação da linguagem da época.

Certamente, foi um trabalho penoso e muito difícil, se considerarmos que não havia uma tradição lingüística. Porém, tais empecilhos seriam superados com êxito, colocando destarte os alicerces da teoria da tradução.

Graças a essa vasta atividade, que recebeu a denominação de “movimento dos tradutores”, muitas das obras dos historiadores e filósofos do mundo da antigüidade transformam-se em parte do legado da cultura armênia, desde Basílio de Cesárea (Barsegh Guessaratsi) e Hovnan Voskeberan a Péricles e Porpiur, Plutarco e Epifânio. Na segunda metade do século V, foram traduzidas para o armênio as obras de Aristóteles e Platão. Os originais de algumas dessas obras desapareceram com o passar dos tempos, mas foram salvos graças às traduções realizadas na época para o armênio.

Como vimos, o movimento das traduções deu início à literatura em língua armênia. Paralelamente às obras traduzidas, surgiram também os trabalhos religiosos e doutrinários de Sahak Partev, Mesrop Machtots, Koryun (Cirilo), Ghazar Parpetsi (Lázaro de Parpets), Movsés Khorenatsi (Moisés de Khoren), Yeznik de Khop, Yeghiché (Eliseu) e outros. Criou-se ampla oportunidade para futuras pesquisas científicas nas áreas humana, jurídica, matemática, médica e outras.

Este forte movimento cultural e o crescimento que se registrou sucessivamente, fizeram com que o século V fosse chamado de “Século de Ouro da Literatura Armênia”, de enorme significado para o futuro desenvolvimento espiritual dos armênios.

A Igreja Armênia, por sua vez, ao reconhecer a inestimável contribuição dos titãs da arte da tradução do século V, estabeleceu a grande “Festa dos Tradutores”, que é comemorada duas vezes ao ano até hoje na Armênia. A primeira, em junho, quando é comemorada a data de São Mesrop, simbolizando a criação do alfabeto, e a segunda em outubro, homenageando o imortal trabalho realizado pelos seus discípulos e tradutores. Nas últimas décadas, a comemoração de outubro é realizada em nível internacional, quando são convidados tradutores estrangeiros e armenólogos de todo mundo, bem como escritores e intelectuais armênios da Diáspora. Essas comemorações também têm um cunho popular.



Não podemos assegurar se há, junto aos demais povos, um destaque de tal envergadura para com seus tradutores. Este simples fato já seria motivo de satisfação, pois apresenta o merecido reconhecimento a este grupo dedicado e seletivo, ao qual chamamos de TRADUTORES, imbuídos da nobre missão de contribuir pelo amplo relacionamento cultural entre os povos do mundo, com o mútuo reconhecimento, enriquecimento e união.

Outra característica notória na atividade da tradução armênia refere-se à sua expansão lingüística e geográfica.

Conforme já citamos, a instabilidade geopolítica da Armênia e da região adjacente, suscitaram constantes invasões e declínio do poder do Estado Armênio, obrigando muitas vezes parte da população nativa a abandonar seu próprio país.

Seguindo seu destino, os armênios se espalharam pelo mundo há centenas de anos, mas o ápice ocorreria com o genocídio perpetrado pelo governo do Império Otomano entre os anos 1915 e 1923. Com o passar dos tempos, os sobreviventes do trágico genocídio se adaptaram à sociedade e condições dos países que lhes acolheram carinhosamente, e aos poucos puderam recuperar-se e criar suas comunidades, erguendo centros culturais, sociais, religiosos e outros, trazendo assim sua valiosa contribuição ao panorama cultural dos países onde habitam.

Quanto ao aspecto da tradução, observamos a presença de um fator muito importante, que se relaciona à absorção geográfica e instrumentalização da língua.

Atualmente, o aprendizado de uma língua estrangeira tem à sua disposição toda uma estrutura pedagógico-educacional, oferecendo meios avançados de comunicação, tanto na esfera lingüística como na esfera da tradução, recursos esses outrora bem mais limitados e precários.

O intelectual armênio, nascido e enraizado em terras estrangeiras, além de assimilar a herança literária do país onde vive, conhece a literatura de sua pátria histórica e consegue apresentar, por meio da tradução, as melhores criações literárias tanto de um como do outro lado. Para tal, o tradutor deve ter a sensibilidade de fazer a melhor opção para a sua tradução, uma vez que conhece as preferências literárias de ambas as partes, bem como o estilo e exigências da época.

A atividade do tradutor, que se estende além das fronteiras, tem sido destacada em povos com índices migratórios elevados, tais como os judeus, árabes, russos, chineses, japoneses e outros. A consequência deste processo tem sido o favorecimento do enriquecimento das traduções literárias recíprocas, com o



surgimento de trabalhos brilhantes dentro das limitações de identidade nacional de cada povo.

Tal atividade desenvolvida fora das fronteiras nacionais tem uma importância redobrada principalmente para as nações pequenas, entre as quais está a Armênia, visto serem relativamente limitadas as possibilidades de tradução das obras nacionais para o público leitor do exterior. Neste aspecto, têm um papel fundamental os centros culturais que atuam fora da Armênia, os quais trazem uma valiosa contribuição dentro da esfera literária e da tradução propriamente dita. Desses, merecem destaque:

Centro Mekhitarista de Veneza:

Fundado em 1701 pelo abade Mekhitar de Sebastia, com o objetivo de desenvolver atividade educacional, científica, literária e cultural para os armênios de Constantinopla. A partir de 1917, o centro se estabeleceu na ilha de São Lázaro. Como uma organização católica armênia, devidamente reconhecida pelo Vaticano e o governo italiano, os mekhitaristas tiveram uma ascensão em suas atividades a partir da segunda metade do século XVIII, com a publicação de diversas traduções de obras históricas, filosóficas, científicas, bem como muitas obras clássicas e contemporâneas de escritores imortais.

Visando o surgimento de futuros tradutores e pesquisadores, foram inauguradas, já a partir de 1732, sucessivas escolas especializadas em diversas regiões da Europa, as quais continuam em atividade até hoje. Em 1843, os Mekhitaristas fundaram o periódico filológico “Pazmavep”, cuja publicação continua até nossos dias.

Os Mekhitaristas de Viena:

Um grupo dos Mekhitaristas separou-se de Veneza e se estabeleceu em Viena a partir de 1811. Em pouco tempo, ele conseguiu multiplicar o número de seus membros e desenvolver uma notável atividade teológica, lingüística e de tradução. Destaca-se seu papel dentro da esfera da tradução, com a publicação de importantes obras filosóficas, lingüísticas, históricas e científicas traduzidas para o armênio e, reciprocamente, do armênio para diversas línguas européias. A partir de 1887 e até hoje publica-se a “Revista Mensal”, que traz estampados em suas páginas valiosos artigos e pesquisas lingüísticas e filosóficas.



Escola de Ismírna:

Localizada na cidade de Ismir, na Turquia, este educandário e centro de pesquisas foi fundado em 1759, contribuindo com a vida cultural, social e política armênia. Grandes nomes da cultura armênia se destacaram na esfera da tradução, com a publicação de mais de duzentos artigos e obras de autores como Shakespeare, Molière, Victor Hugo e outros.

Merece também atenção especial o importante papel de alguns notórios escritores e tradutores armênios dos séculos XIX e XX, os quais, mesmo vivendo longe de sua pátria, desenvolveram vasta atividade literária, sem cuja contribuição os cofres de muitas bibliotecas ficariam carentes de importantes traduções.

Uma dessas notáveis figuras foi Archak Tchobanian, conhecido escritor que morava em Paris e, paralelamente à sua relevante criação literária, ocupou-se da tradução de muitas obras do francês, inglês, turco, italiano, abrangendo uma série de autores clássicos como Virgílio, Dante, Shakespeare, Byron, Shelley, Hugo, Dumas, Flaubert, Scott, France, Lamartin, Verlaine, Andersen, assim como Omar Khayam, Saady, Hafiz e outros.

Já nas traduções do armênio para o francês, Tchobanian visava despertar a curiosidade dos leitores europeus pela cultura milenar do povo armênio, visto que em fins do século XIX e início do XX a Armênia encontrava-se numa realidade política e social extremamente densa. Com esse objetivo, ele traduziu as obras dos famosos escritores e historiadores armênios da Idade Média, como Khorenatsi, Yeghiché, Narekatsi, Chnoralí, Frik e outros, revelando, ao mesmo tempo, as obras trovadorescas, bem como canções populares, além das melhores criações de seus contemporâneos, como Turian, Raffi e Chirvanzadé. Merecidamente, Tchobanian foi louvado pela Academia Francesa de Ciências e Letras por sua valiosa contribuição na difusão cultural através de suas traduções e criações próprias.

Outra figura relevante que se ocupou da arte da tradução foi Hovhannés Hovhannissyan, que traduziu muitos livros de autores gregos, italianos, franceses, alemães, russos, poloneses e ucranianos. Paralelamente às suas obras poéticas, ele traduziu Homero, Sófocles, Safo, Heine, Hugo, Puchkin, Lermontov, Necrasov, Natson, Jakobovitch, Tsereteli, Titchina e outros. Hovhannissyan acreditava que para o enriquecimento mútuo das culturas nacionais, conhecimento do caráter moral e a vida espiritual de qualquer nação, não há fonte mais pura que a autêntica criatividade nacional, o reconhecimento da literatura própria de um povo e o seu

190 Lusiné Yeghiazaryan - *O Papel da Tradução no desenvolvimento e estruturação...*



papel construtivo nos valores culturais mundiais. Hovhannissyan acreditava, ademais, que os gênios da literatura rumam seus passos com a nobre missão de levarem consigo a mente e a força motriz do pensamento intelectual comum a todos.

Esses pequenos exemplos, cremos, podem demonstrar, de forma aproximada, a atividade literária e de tradução que se desenvolveu além das fronteiras da Armênia, como resultado da fervorosa vida cultural das coletividades armênias radicadas em diversas regiões do mundo.

Convém tecer alguns comentários sobre o que ocorria nesse período na Armênia Oriental ou a assim chamada Armênia Russa. Como se sabe, em fins do século XIX e no início do século XX, os centros culturais adjacentes foram atingidos por ondas contraditórias entre o capitalismo e socialismo. Tbilissi, capital da Geórgia e Baku, do Azerbaijão, contavam com uma vasta população armênia, em que dominava a sociedade burguesa. Nesse mosaico de ideologias e pensamentos, o fato mais destacado que traria seu reflexo positivo foi a luta intelectual e lingüística iniciada a partir da segunda metade do século XIX, visando a dinamização da língua armênia da sua vertente “Grabar” (clássica), usada até então na literatura armênia com apenas ínfimas mudanças, para “achkharabar” (moderna), adaptando-a às necessidades do tempo. Foram os precursores desse movimento o poeta e escritor Khatchatur Abovian, reconhecido como “o novo iluminador”, assim como os escritores e intelectuais Mikael Nalbandian e Stepanos Nazarian. Sofrendo inicialmente muita resistência imposta por intelectuais e eclesiásticos conservadores, não tardaria à vertente moderna do armênio conquistar o terreno da enorme massa da população e educadores, transformando-se, finalmente, na linguagem escrita corriqueira que se preserva até hoje. Não obstante, o armênio “clássico” permanece a ser usado principalmente em ritos e cerimônias da Igreja Armênia e em artigos científicos de cunho literário ou histórico.

O “pai do modernismo armênio”, Khatchatur Abovian, revelou-se como fervoroso crítico literário, e com suas traduções trouxe uma enorme contribuição às massas na luta pela sobrevivência nacional. Ademais, ele visava a aproximação e enriquecimento dos valores culturais dos povos. Com esse intuito, Abovian traduziu as obras de Homero, Goethe, Schiller, Rousseau, Krilov e outros, confessando que seu objetivo fundamental era o de fazer difundir a arte e literatura européia aos seus conterrâneos, transferindo para seu país “a verdadeira luz da claridade”. Logo, as obras que ele traduziu não só refletiam suas preferências pessoais, mas acima de tudo espelhavam a necessidade de mudanças políticas, sociais e culturais do povo. Para Abovian, o escritor e tradutor teria a obrigação de orientar, moldar



o apego das pessoas pela leitura, fazer uma séria escolha ao oferecer aos leitores as criações de autores estrangeiros.

Esse objetivo foi também o alvo principal das traduções efetuadas pelo revolucionário e democrata Mikael Nalbandian, que manifestou seu pensamento através dos seus discursos eloqüentes, induzindo o povo a sair do seu desespero. “Precisamos de movimento e vida” escrevia ele, acrescentando: “Depositemos nossa esperança em nós e em nossos aliados”.

No processo de globalização pelo qual atravessa o mundo atualmente, pode parecer difícil conceber tais princípios adotados na tradução, mas isso é perfeitamente viável, ao levarmos em consideração os momentos políticos e as transformações tempestuosas pelas quais passou a humanidade em fins do século XIX e início do século XX.

No período imediatamente anterior à sovietação da Armênia, surgiram grandes nomes na poesia e prosa, dos quais citemos Hovhannés Tumanian, Vahan Terian, Rafael Patkanian, Bertj Prochian, Ghazarós (Lázaro) Aghayan e outros. Suas atividades e principalmente as traduções alcançaram um novo grau qualitativo, ampliando e aprofundando as questões inerentes a esta arte e seus índices artísticos.

Quanto à era soviética, podemos afirmar que, não obstante as imposições naturais que surgiriam pelo regime totalitário, é inegável reconhecer que a vida educacional, cultural, as atividades literárias e de tradução cresceram de forma acentuada e tiveram um ímpeto profundamente favorável, trazendo sua contribuição para o rápido e dinâmico desenvolvimento da cultura, ciências e artes em geral.

Focalizando na arte da tradução, devemos salientar que, foram traduzidos e tornaram-se propriedade da grande massa leitora todos os livros valiosos das literaturas dos povos que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, desde as lendas e epopéias até as criações atuais. Foram traduzidas, ainda, destacadas obras do mundo inteiro, desde a Antigüidade à contemporaneidade. Este mesmo processo deu-se com a própria literatura armênia, que teve inúmeras obras traduzidas para o russo e outros idiomas, ampliando assim a esfera dos leitores de livros de autoria armênia para um universo de mais de duzentos e cinqüenta milhões de pessoas. E, se levarmos em consideração os países socialistas onde o russo era difundido, então podemos afirmar que este número era bem maior.

Ainda nesse período, as editoras estatais da Armênia planejavam e publicavam entre duzentos e cinqüenta e trezentos títulos nacionais e estrangeiros ao ano. Entre esses o número dos livros traduzidos ultrapassava a metade.

À guisa de esclarecimento, convém salientar que, a língua armênia moderna



possui duas vertentes: a oriental e a ocidental. A primeira é a língua oficial adotada pelo Estado Armênio, usada também pelos armênios residentes nas ex-repúblicas soviéticas e nas vastas coletividades armênias radicadas na Federação Russa, no Irã e em todos os países do leste europeu. A outra vertente é usada pelos armênios que compõem a Diáspora, cuja maioria é constituída de sobreviventes do Genocídio de 1915-1923. Existem amplas publicações literárias nas duas vertentes. Estas são características que devem ser levadas em consideração no caso das traduções.

Quanto a estas, não podemos deixar de citar as que foram realizadas no âmbito literário armeno-brasileiro. Se comparativamente ainda é reduzido o número de autores brasileiros traduzidos para o idioma armênio, é no entanto um motivo de orgulho salientar que, diversas obras do mundialmente famoso escritor brasileiro Jorge Amado já foram traduzidas para o armênio oriental. Outros autores brasileiros também são conhecidos pelos leitores armênios, por meio de traduções realizadas para o idioma russo. Infelizmente, não se pode dizer o mesmo quanto aos autores armênios, pois ainda não existem obras de autores armênios traduzidas para o português. O que se pode afirmar é a existência de trabalhos esporádicos de poesias ou artigos traduzidos ao português, como o trabalho singular do Prof. Dr. Yessai Kerouzian, emérito Professor da Cadeira de Armênio da USP, cuja tese de doutorado fundamenta-se na poesia de Yeghiché Tcharents.

Qual um feliz acontecimento, registremos que a obra “O Alquimista”, do famoso escritor Paulo Coelho, foi traduzida simultaneamente do inglês para o armênio ocidental e do russo para o armênio oriental, e ambas as vertentes foram lançadas formalmente no mês de outubro de 2004 em Yerevan, capital da Armênia. Comparando à cerimônia de lançamento, Paulo Coelho foi homenageado pela Academia de Ciências e Letras da Armênia, bem como laureado com o título de *honoris causa* na Universidade Estatal de Yerevan, além de receber uma calorosa acolhida pela população local.

Concluindo, podemos salientar que as cadeiras de língua, literatura e cultura armênia das principais universidades e centros de pesquisa, como Harvard, Boston, Berkley, Sorbonne, Beirute, Fresno, UCLA e outras, desenvolvem com afincado atividades de tradução de escritores armênios para diversas línguas e vice-versa. Certamente, também a nossa Cadeira do curso de língua, literatura e cultura armênia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, considerada a única no seu gênero em todo o continente sul-americano, tem muito a realizar ainda tanto no segmento da tradução como na formação de exímios especialistas em língua e cultura armênia.



BIBLIOGRAFIA

- Abeghian, M. (1996). *History of the Ancient Armenian Literature*, 2 vols., Erevan
- Adontz, N. (1925). *Mashtotz and his Disciples, according to Foreign Sources*, Vienna
- Ajarian, M. (1927). *The Armenian Letters of the Alphabet*, Vienna.
- Arakelian, B. N. & Hovhannisian, A. R. (1951), *History of Armenia from the Paleolithic Age to the End of the Eighth Century B.C.*, Erevan
- Der Nersessian, S. (1945). *Armenia and the Byzantine Empire*, Harvard Univ. Press
- Dodomiantz, V. (1938). *The Role of the Armenians in World Civilization*, Belgrade
- Grousset, R. (1947), *History of Armenia from the Beginning to 1071*, Paris
- Ter Petrossian, L. (1996). *Ancient Armenian Translations*, Yerevan
- Thorossian, H. (1951). *History of Armenian Literature*, Paris.

Abstract: The aim of this work is to discuss the importance of translations in the process of development of Armenian literature. A special attention is given to the linguistic and geographic expansion of the art of Armenian translation.

Keywords: literary art and translation, Golden century, Armenian cultural centers, Translator's Day.